



COLÓQUIO INTERNACIONAL 25-26-27 de maio de 2027

RESTAURAR A PÓLIS COM OS SERES VIVOS *SOB O PRISMA DO PARADIGMA BIOGRÁFICO*

Instituições organizadoras

Laboratório CIREL Université de Lille
GIS LE SUJET DANS LA CITÉ Sorbonne Paris Nord-Campus Condorcet
Laboratoire ISMÉE Université Sorbonne Paris Nord
Laboratoire LIRTES Université Paris-Est Créteil
Interdisziplinäres Zentrum für Historische Anthropologie Freie Universität Berlin, Alemanha
Grupo de pesquisa GRAFHO - PPGEdUc - Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Grupo de pesquisa interdisciplinar GRIFARS - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social & Programa de Pós-Graduação em Artes - Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación IICE - Universidad de Buenos Aires, Argentina
Grupo de investigación FORMAPH - Universidad de Antioquia, Colômbia

em colaboração com

Le Sujet dans la Cité. Revista internacional de pesquisa biográfica
Colégio Internacional de Pesquisa Biográfica em Educação (CIRBE)
Observatoire des nouvelles écritures de la photographie documentaire

APRESENTAÇÃO

Os colóquios anteriores (Lille, 2011 e Paris 2019 e 2023) permitiram estabelecer a pertinência científica e a agencialidade da Pesquisa Biográfica e do Paradigma Biográfico, em suas diferentes correntes, na época que designamos como *Antropoceno*. Na sequência, o presente colóquio interroga *como viver juntos* enquanto humanos e “não humanos” (Descola, 2025), num mundo marcado por crises ecológica, social e democrática, ameaças geopolíticas e rearmamento militar, constituindo uma Pólis entendida como comunidade cidadã e responsável pelo bem comum. Desse modo, alinha-se aos desafios atuais que as universidades enfrentam para acompanhar as transições ecológica, econômica e social em parceria com seus territórios.

O esgotamento de recursos, o agravamento de vulnerabilidades individuais e coletivas, o aumento das desigualdades e a perda de sentido das formas tradicionais do conviver exigem uma reestruturação de nossas maneiras de pensar, agir e construir sociedades. Nesse contexto, a proposta de “restaurar a Pólis com os seres vivos” não pode ser reduzida a uma operação técnica ou administrativa. Trata-se de um projeto ético, político e epistemológico que visa ao repensar juntos condições de habitabilidade de um mundo comum.

À luz de Félix Guattari (1989), que defende uma reconversão ecosófica dos laços sociais por meio de sua reapropriação responsável e coletiva para a reconstrução *do mundo e de si mesmo*, este colóquio objetiva explorar, sob os prismas do Paradigma Biográfico, do cuidado, dos saberes ancestrais e da formação de comunidades atuantes e vivificantes, vias para restaurar a Pólis como “Cidade subjetiva”. E, neste movimento, repensar a articulação entre saber científico, experiência vivida e engajamento social, para conceber diferentemente formas de fazer ciência.

As narrativas, orais e escritas, que fazem os viventes de suas experiências e sua partilha em um espaço comum estabelecem o que Jean-Philippe Pierron (2021) chama de “*portance*”, em que cada pessoa, nas relações humanas, assume a alteridade que existe dentro e fora de si. Essa ecologia do dizer humano se aproxima da noção de “democracia sensível”, desenvolvida por Michaël Föessel (2008), como categoria perceptiva, inscrita na esfera do sensível e que valoriza a importância das experiências e dos afetos na constituição de laços democráticos. Trata-se de pensar diferentemente a política e seus atores como indivíduos afetivos e não apenas eficientes, envolvidos em um “viver juntos”, cujas modalidades emocionais e morais são desse modo renovadas.

A ambição do colóquio é, antes mesmo de formular respostas iniciais, propor esses questionamentos e debatê-los em espaço público. Sua temática será discutida sob quatro ângulos, cada qual destacando um domínio da existência e da atividade humana abordado pelo Paradigma Biográfico numa perspectiva relacional, a saber:

Eixo 1: *Cuidar: um gesto de criação*

Eixo 2: *Dialogar com saberes ancestrais: narrativas e mundos possíveis*

Eixo 3: *Construir sociedade coletivamente: comunidades atuantes, comunidades vivificantes*

Eixo 4: *Fazer ciência diferentemente: desafio ou utopia?*

Os eixos devem ser entendidos segundo perspectivas e questionamentos abertos pelo Antropoceno assim como pelas noções às quais estão associados – o cuidado, os saberes ancestrais, o coletivo e o conhecimento –, revisitadas e reinterrogadas.

As propostas de contribuições serão distribuídas entre os eixos de acordo com a entrada e a perspectiva privilegiada por seus autores.

Referências bibliográficas

Descola, P. (2025). *Politiques du faire-monde*. Paris: Seuil.

Föessel, M. (2008). *La privation de l'intime*. Paris: Seuil

Guattari, F. (1989). *Les trois écologies*. Paris: Galilée.

Pierron, J.-P. (2021). *Je est un nous. Enquête philosophique sur nos interdépendances avec le vivant*. Arles: Actes Sud.

EIXO 1. CUIDAR: UM GESTO DE CRIAÇÃO

Valérie Melin, Université de Lille; Michaël Racodon, Université de Lille;
Béatrice Delplanche, Université Laval (Coords.)

Antes de se manifestar em diversos setores da atividade humana, o cuidado aparece como uma disposição ética originária e um conceito crítico, ambos aptos a fundamentar um quadro interpretativo de conduta e de pensamento. Tanto em saúde quanto nas relações educacionais, sociais e laborais, assim como na atenção às formas e aos ambientes da vida, o *paradigma do cuidado* convida a questionar, sob uma nova perspectiva, a natureza das relações dos seres humanos e não humanos entre si e com o mundo, nesta época antropocênica. O *paradigma do cuidado* nos leva, ainda, a questionar as maneiras pelas quais a consciência das dependências e vulnerabilidades – *dentro de nós, entre nós e fora de nós* – abre caminhos para uma compreensão relacional do ser no mundo.

Para Cynthia Fleury (2019), “quando a civilização não é sinônimo de *cuidado*, ela não é nada. As humanidades devem criar raízes e promover uma vida social e política baseada na atenção criadora de cada um para com o outro”. *A atenção criadora* se traduz num *gesto de criação* que inventa formas de presenças e falas capazes de restaurar os seres vivos e os vínculos que os unem.

Como transformar a disposição para o cuidado em fundamentos éticos, políticos e epistemológicos que sustentem a sua prática? Como a relação de cuidado, concebida como um cuidar da relação, intensifica a *textura* de nossas vidas e amplia a nossa capacidade de *construir o mundo*? De que forma as narrativas de si (escritas, orais, gestuais...), na medida em que nelas se escrevem e se experimentam nossas experiências de relacionamento, podem participar de um *cuidado* de si mesmo, dos outros e do mundo, e contribuir para uma ética relacional que visa estabelecer melhores condições de existência e habitabilidade (Hubert, 2023) entre os seres vivos? De que modo, enfim, a arte entendida como como experiência da vida (Dewey, 2019), espaço relacional de partilha, de expressão de si, de emancipação e reconhecimento mútuo, pode ser uma ferramenta política que torne visíveis, audíveis e legítimas vozes minoritárias ou de entidades não humanas, conferindo-lhes um lugar pleno e integral na Pólis?

Referências bibliográficas

- Baujard, C., Baeza, C. & Danvers, F. (dir.) (2025). *Médiation artistique et expérience thérapeutique en éducation*. L'Harmattan.
- Delory-Momberger, C. & Janner-Raimondi, M. (2026). *Penser la personne comme sujet en Anthropocène*. Toulouse: Erès.
- Delory-Momberger, C. (dir.) (2019). *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Toulouse: Erès
- Dewey, J. (2019). *L'art comme expérience*. Gallimard: Folio.
- Fleury, C. (2019). *Le soin est un humanisme*. Paris: Gallimard/Tracts n°6.
- Hubert, B. (2023). *Le droit à l'écriture. Une éthique de la délicatesse au service de la démocratie face à l'Anthropocène*. Paris: Téraèdre.
- Le Blanc, G. (2026). *Éthique pour un monde qui sombre*. Paris: Payot.
- Passaggi, M. (2025). Saberes experienciais de crianças hospitalizadas: um reconhecimento ético. *Cadernos Pesquisa*, v. 55, e11915.
<https://www.scielo.br/j/cp/a/YgGKfXWv6wqKKrKZQcyg9FQ/?lang=pt>
- Passaggi, M. (2025). Récit de soi et savoirs expérientiels en éducation et santé, *Cadernos Pesquisa* v. 55, e11915, 2025. e-ISSN 1980-5314 https://doi.org/10.1590/1980531411915_fr
- Rancière, J. (2020). *Le partage du sensible*. Paris: La Fabrique.

EIXO 2. DIALOGAR COM SABERES ANCESTRAIS: NARRATIVAS E MUNDOS POSSÍVEIS

**Christine Delory-Momberger, Sorbonne Paris Nord; Carolina Kondratiuk, GIS LE SUJET
DANS LA CITE Sorbonne Paris Nord-Campus Condorcet;
Adriana Renée Tobos, Sorbonne Paris Nord (Coords.)**

A virada antropocênica evidenciou os limites das estruturas de pensamento herdadas da modernidade ocidental, forjadas na separação natureza/cultura (Descola, 2005, 2025). Revelou, assim, que a crise ecológica é também uma crise dos saberes e dos modos de produção de conhecimento (Latour, 2015; Stengers, 2013). Aliando universalismo científico e tecnológico a uma política de controle, o modelo dominante não logrou êxito em sua tentativa de garantir domínio e previsibilidade sobre as coisas do mundo. Ao transformar suas interações em “pontos de agressão” (Rosa, 2025), potencialmente direcionados a objetos a conhecer, atingir, conquistar, dominar ou utilizar, esse modelo esvaziou-se de qualquer relação ressonante, levando a um sentimento de impotência e perda de sentido.

O diálogo com os saberes ancestrais dos povos originários ou raízes (Rahmani, 2019; Van Ingen, 2024) surge e ganha força como alternativa fecunda do ponto de vista epistemológico, político e ético. Dialogar implica aceitar uma pluralidade de regimes de verdade (Foucault, 2001) e criar espaços de encontro para dar vida a uma ecologia de saberes (Stengers, 2013; De Sousa Santos, 2015), sem que se reivindique nenhuma superioridade hegemônica. Desse vasto campo, fundamentado na atenção às culturas indígenas de todos os continentes e às vozes que emanam dos saberes locais e tradicionais, surgem contribuições valiosas para repensar nossas formas de habitar o mundo.

Ancorados em narrativas cosmogônicas em que o mundo forma um todo, os saberes ancestrais abrem alternativas às lógicas extrativistas dominantes para pensar outras políticas de “construir o mundo” e inventar outros modos de “mundiação” (Descola, 2025). Em suas diferentes concepções do “bem-viver”, eles dão forma a modos de estar na Terra baseados na consciência dos vínculos que unem humanos e não humanos e que entrelaçam, indissociavelmente, o bem estar de uns e de outros. Ailton Krenak (2022) vê a narrativa ancestral como conhecimento relacional inserido em uma cosmologia viva, que sela laços afetivos, éticos e cósmicos de interdependência. A transmissão une o passado ao presente em uma atualidade viva, solo fértil para um “futuro ancestral” atuante sobre nossas ações no mundo. Ela permite conceber o novo sem abandonar as experiências, práticas e sabedorias antigas, opondo-se ao apagamento e à temporalidade linear de um suposto progresso. Narrar torna-se, assim, um ato de resistência e um gesto político.

Em contraposição a um regime de verdade único, trata-se aqui de refletir sobre os saberes ancestrais em sentido amplo, inclusive dentro da sociedade ocidental, e de questionar sua transmissão intergeracional como circulação de significados permeados por conhecimentos ecológicos, normas sociais e valores morais. Que diálogos são possíveis entre saberes ancestrais, saberes locais e ciências da modernidade? Que formas performativas de transmissão e hibridização intercultural de saberes favorecem a decolonização da produção de conhecimento? Que papel podem desempenhar a pesquisa-criação e as práticas colaborativas no reconhecimento da legitimidade de saberes historicamente desacreditados? Quais formas de escrita científica são capazes de dar conta das dimensões corporais, sensíveis e espirituais dos discursos e práticas portadores desses saberes? Em que medida a transcrição (Kondratiuk,

2019; 2024) ativada pela criação artística – contos, artes visuais, teatro, música etc. – potencializa a recepção desses saberes nos territórios? Diante das crises e ameaças contemporâneas, de que maneiras as cosmovisões indígenas ajudam a imaginar outros modos de viver e fazer, construir e habitar o mundo?

Referências bibliográficas

- Albert, B. & Kopenawa, D. (2022). *Yanomani, l'esprit de la forêt*. Arles: Actes Sud.
- De Sousa Santos, B. (2016). *Epistémologies du Sud: mouvements cityens et polémique sur la science*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Descola, P. (2005). *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2001). « Vérité et pouvoir », entretien avec Alesandro Fontana et Pasquale Pasquino (1976), in *Dits et Ecrits II, 1976-1988*, Paris: Gallimard.
- Kondratiuk, C. (2019). Transcréation. Prendre en compte le sensible d'un entretien lors du passage de l'oral à l'écrit. *Le sujet dans la Cité Revue internationale de recherche biographique*, 9(2), 93-107.
- Kondratiuk, C. (2024). Aportes teóricos e metodológicos da transcrição: da poesia concreta à pesquisa biográfica. *Linguagens, Educação E Sociedade*, 28(57), 1–19.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2022). *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Latour, B. (2015). *Face à Gaïa. Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris: La Découverte.
- Rahmani, S. (2019). *Paroles de peuples racines. Plaidoyer pour la Terre*. Arles: Actes Sud.
- Rosa, H. (2025). *Rendre le monde indisponible*. Paris: La Découverte
- Stengers, I. (2013). *Une autre science est possible !* Paris: La Découverte.
- Van Ingen, F. (2024). *Et si la Terre nous parlait. Huit principes de vie inspirés des peuples racines*. Paris: Les liens qui libèrent.

EIXO 3. CONSTRUIR SOCIEDADE COLETIVAMENTE: COMUNIDADES ATUANTES, COMUNIDADES VIVIFICANTES

**Bruno Hubert, Université de Lille; Jérôme Mbiatong, UPEC;
Mélanie Bouron, Université de Lille (Coords.)**

A racionalidade mercantil e a mais-valia, no centro de todas as economias humanas, geram normas sociais e subjetivas sobre as quais se moldam e se “ficcionalizam” normas de vida e de existência. Vemos hoje guerras e conflitos ressurgirem, migrações climáticas e deslocamentos forçados se intensificarem. O enfraquecimento das democracias, a emergência de discursos de ódio extremo e o rearmamento militar mundial colocam em risco conquistas sociopolíticas históricas. Diante desse quadro, a construção de um mundo em comum parece cada vez mais difícil e até mesmo utópica.

Contudo, convém refletir sobre como nos desvencilhar da « ficcionalização » da figura neoliberal do indivíduo autônomo – “que se faz por si mesmo”, orientado ao próprio rendimento e à autossuperação – para passar a compreender o sujeito como um “ser interligado”, construído na alteridade e no cuidado consigo mesmo, com os humanos e não humanos e com o mundo. Tal reflexão está no cerne dos desafios que o Antropoceno impõe às ciências humanas e sociais.

A conscientização de que *habitar* a Terra supõe interdependências entre humanos e não humanos (Descola, 2014, 2019, 2021, 2025; Jullien, 2022; Morizot, 2020; Haraway, 2020; Pierron, 2021) e a perspectiva de uma finitude do próprio “sistema Terra” (Latour, 2015) provocam questionamentos contundentes. Estes deslocam o *ponto de vista* e o *ponto de vida*, revelando a urgência de *cuidar* dos “mundos que estão por vir” (Descola & Pignocchi, 2022), por meio de um *fazer coletivo*. Revelam-se, assim, outras formas de comunidades que assumem a responsabilidade de cuidar de uma história comum, na qual se entrelaçam os seres vivos e não vivos que compartilham a morada terrestre.

A reflexão sobre *comunidades atuantes*, que fazem parte de uma nova história da Terra, incide sobre os âmbitos da saúde, da educação, da intervenção social e do empreendedorismo. As próprias *escritas da vida* são interrogadas, postas à prova e radicalmente reconfiguradas (Melin, 2022). O que dizem essas narrativas de um *nós* inscrito em alianças, vínculos (Hubert *et al.*, 2025; Melin; Kondratiuk, 2024) e pertencimentos interespecies? Que perspectivas cognitivas e pedagógicas são inauguradas por noções tais como “comunidade atuante” (Delory-Momberger; Bardawil, 2025) e “comunidade vivificante” (Janner-Raimondi, 2025)? Quais os impactos da narratividade sobre os processos de formação comunitária? Em que medida a formação pode ser suporte na construção de uma “narrativa de cooperação” (Pelluchon, 2020)? Como construir uma narrativa de “histórias comuns” (Ozório, 2016; Delory-Momberger, 2014)? Seriam as narrativas capazes de engendrar comunidades “ressonantes” (Rosa, 2021; 2022a; 2022b), criando um espaço relacional fértil? Assumamos o desafio de contar histórias sobre novas formas de comunidades, apostando, com Ailton Krenak (2019, p.27), que “se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”.

Referências bibliográficas

- Delory-Momberger, C. (2014). *De la recherche biographique en éducation. Fondements, méthodes, pratiques*. Paris: Téraèdre.
- Delory-Momberger, C. & Bardawil, V. (2025). Écobiographie, hétérobiographie et Ateliers photobiographiques. Pour une communauté de l'intime dans un art visuel relié. *Revue internationale Actualidades pedagógicas*, n°85, Université de La Salle, Bogotá. <https://doi.org/10.19052/ap.vol1.iss86.5516>
- Descola, P. (2019). *Une école des relations*. Paris: CNRS Éditions.
- Descola, P. (2021). *Les formes du visible. Une anthropologie de la figuration*. Paris: Seuil.
- Descola, P. & Ingold, T. (2014). *Être au monde. Quelle expérience commune ?* Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Descola, P. & Pignocchi, A. (2022). *Ethnographies des mondes à venir*. Paris: Seuil.
- Haraway, D. (2020). *Quand les espèces se rencontrent*. Paris: La Découverte.
- Hubert, B., Janner-Raimondi, M., Viné Vallin, V. & Midelet, J. (2025). De l'attestation au dialogue. Dispositifs pour se comprendre et contribuer à une démocratie en santé. *Revue française d'éthique appliquée, Parler pour les autres*, n°16, 98-114.
- Janner-Raimondi, M. (2025). Tourmentes anthropocéniques et communauté agissante: quelques caractéristiques en faveur de la vivifiante. *Revue internationale Actualidades pedagógicas*, n°85, Université de La Salle, Bogotá. <https://doi.org/10.19052/ap.vol1.iss86.5516>
- Jullien, F. (2022). *L'écart et l'entre. Leçon inaugurale de la Chaire sur l'altérité*. Paris: Galilée.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lanaspeze, B. et Schaffner, M. (Éds.). (2021). *Les Pensées de l'écologie. Un manuel de poche*. Paris: Wildlproject.
- Melin, V. (2022). « Contribution de la recherche biographique aux enjeux éducatifs de l'anthropocène - Une recherche-action collaborative en structure de raccrochage scolaire », in *Éthique et épistémologie, L'Année de la recherche en sciences de l'éducation*, n°2021.

- Melin, V. & Kondratiuk, C. (2024). Re-habitar a escola no Antropoceno: contribuições da mesologia para um novo olhar sobre as condições de trabalho docente, *Revista Educação Universidade Federal de Santa Maria*, Brésil. <https://doi.org/10.5902/1984644485359>.
- Morizot, B. (2020). *Manières d'être vivant: enquêtes sur la vie à travers nous*. Paris: Actes Sud.
- Ozorio, L. (2016). *La favela de Mangueira et ses historias de vie en commun. Travailler avec les périphéries*. Paris: L'Harmattan.
- Pelluchon, C. (2020). *Réparons le monde. Humains, animaux, nature*. Paris: Payot.
- Pierron, J.-P. (2021). *Je est un nous. Enquête philosophique sur nos interdépendances avec le vivant*. Paris: Actes Sud.
- Rosa, H. (2021). *Résonance. Une sociologie de la relation au monde*. Paris: La Découverte.
- Rosa, H. (2022). *Accélérons la Résonance ! Entretiens avec Nathanaël Wallenhorst*. Paris: Le Pommier.
- Rosa, H. (2022). *Pédagogie de la Résonance. Entretiens avec Wolfgang Endres*. Paris: Le Pommier.
- Rosa, H. (2025). *Rendre le monde indisponible*. Paris: La Découverte.

EIXO 4. FAZER CIÊNCIA DIFERENTEMENTE: DESAFIO OU UTOPIA?

**Martine Janner-Raimondi, Sorbonne Paris Nord; Cédric Hardy, Université de Lille;
Ericka Léonard, Université de Lille (Coords.)**

O efeito disruptivo das atividades humanas e seus impactos nos ecossistemas terrestres, assim como a (re)descoberta de interdependências e de solidariedades entre os seres vivos em um solo comum, fazem com que figuremos, ou refiguremos, nosso pertencimento à Terra. Nessa perspectiva, estamos inseridos numa comunidade de seres vivos, agimos, experimentamos e pensamos dentro de um mundo de laços recíprocos, o que põe fim a uma visão e a uma prática de tipo naturalista (Descola, 2025). Os modos convencionais de produção de conhecimento e de ação coletiva entram em crise. Surge daí a urgência de repensar a articulação entre conhecimento científico, experiência vivida e engajamento social. Esse deslocamento epistemológico leva a questionar caminhos para *fazer ciência diferentemente* e especificar disposições éticas e políticas próprias à criação de um quadro interpretativo de conduta e de pensamento.

A pesquisa biográfica, como “ciência do singular” (Delory-Momberger, 2019, 2026), representa uma via fértil para reinscrever a subjetividade e as narrativas de si na produção científica, mobilizando a pluralidade de vozes, de experiências e de regimes de verdade (Foucault, 1977) para pensar o mundo em comum. Trata-se de uma ciência da experiência vivida, expressiva e relacional. Repensar a ciência no Antropoceno pressupõe a construção de saberes enquanto bem comum, localizados em histórias, corpos e engajamentos. Trata-se de realizar *pesquisas com* os sujeitos e não *sobre* eles, instaurando uma epistemologia relacional, baseada no diálogo que permita aliar dimensões existenciais, políticas e epistemológicas na produção do conhecimento. Nesse sentido, a *pesquisa biográfica* ancora-se em uma epistemologia de “saberes localizados” (Haraway, 2020), segundo a qual toda produção de conhecimento é indissociável de uma posição relacional, de um entrelaçamento de alteridades e de uma objetividade concebida como responsabilidade social. Como tal, epistemologias localizadas não se limitam a descrever o mundo, mas participam de sua transformação coletiva e social. *Fazer ciência diferentemente* implica, portanto, um *agir coletivo*, concebido como gesto político de uma “ética do comum” (Dardot & Laval, 2015).

Essa reflexão também suscita questões sobre *como compreender o trabalho educacional em sua diversidade* (Niewiadomski; Remoussenard, 2018) e *como pensar o sujeito no trabalho educacional entre atividade e narrativa* (Pagoni & Baeza, 2024), cruzando assim três níveis: o de uma epistemologia de pesquisa compartilhada com as pessoas participantes, o da centralidade da experiência vivida pelo sujeito e o da pesquisa como ato político apreendido sob o ângulo das transformações sociais.

Como pensar formas de *fazer ciência diferentemente* na elaboração de saberes localizados, relacionais e experienciais, superando os regimes epistêmicos naturalistas? Em que medida a *pesquisa biográfica*, como ciência do singular, recompõe os regimes de verdade e as modalidades de produção do conhecimento? Como conceituar a pesquisa enquanto práxis coletiva, ética e política, inscrevendo o conhecimento em um terreno comum? De que forma esses deslocamentos epistemológicos redefinem as categorias de análise do trabalho educacional e os modos de subjetivação fundados na reflexividade narrativa e na ação no mundo?

Referências bibliográficas

- Dardot, P. & Laval, C. (2015). *Commun. Essai sur la révolution au XXI^e siècle*. Paris: La Découverte.
- Delory-Momberger, C. (dir.) (2019). *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*. Paris: Eres.
- Delory-Momberger, C. & Janner-Raimondi, M. (dir.) (2026). *Penser la personne comme sujet en Anthropocène*. Toulouse: Erès.
- Descola, P. (2025). *Politiques du faire-monde*. Paris: Seuil.
- Foucault, M. (1977). « Vérité et pouvoir », entretien avec Alessandro Fontana et Pasquale Pasquino, In *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard.
- Haraway, D. (2020). *Vivre avec le trouble : faire parenté avec le Chtlulucène*. Vaulx-en-Velin: Les éditions des mondes à faire.
- Janner-Raimondi, M., Arborio, S. & Hubert, B. (2024). Faire science autrement pour un développement humain et social en santé ? Récit et analyse d'une expérimentation. *Revista Educação* Universidade Federal de Santa Maria Brasil.
<http://dx.doi.org/10.5902/1984644485360>
- Mbiatong, J. (2024). *Le terrain, lieu de construction du savoir du chercheur*. *Éducation Permanente*, 240(3), 55-65.
- Niewiadomski, C. & Remoussenard, P (2018) *Comprendre le travail éducatif dans sa diversité*. Lille: éditions du Septentrion.
- Pagoni, M. & Baeza, C. (2024). *Penser le sujet dans le travail éducatif: entre activité et récit*. Septentrion.
- Passaggi, M. (2020). Reflexividad narrativa: "vida, experiencia vivida y ciencia"; *Márgenes* Revista de educación de la Universidad de Málaga, 1(3),91-109.
<https://doi.org/10.24310/mgnmar.v1i3.9504>
- Janner-Raimondi, M., Arborio, S. & Hubert, B. (2024). Faire science autrement pour un développement humain et social en santé ? Récit et analyse d'une expérimentation. *Revista Educação* Universidade Federal da Santa Maria Brasil.
<http://dx.doi.org/10.5902/1984644485360>

CONSELHO CIENTÍFICO

Presidência

Bruno Hubert, Université de Lille (CIREL)

Valérie Melin, Université de Lille (CIREL)

Membros

Abdelkarim Zaid. Université de Lille (CIREL)

Augustin Mutuale. Institut Catholique de Paris (ICP)

Carmen Cavaco. Universidade do Lisboa - Portugal

Carolina Kondratiuk. GIS Le Sujet dans la Cité Sorbonne Paris Nord-Campus Condorcet

Casé Angatu Xukuru Tupinambá. Universidade do Estado de Santa Cruz (UESC) e Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB) - Brasil

Caterina Benelli. Libera Università dell'autobiografia di Anghirari - Itália

Cédric Frétygné. Université Paris-Est Créteil (UPEC)

Christine Delory-Momberger. Université Sorbonne Paris Nord (ISMEE)

Christoph Wulf. Freie Universität Berlin - Alemanha

Christophe Blanchard. Université Sorbonne Paris Nord (ISMEE)

Christophe Niewiadomski. Université de Lille (CIREL)

Daniel Suárez. Universidad de Buenos Aires (UBA) - Argentina

Denis Pernot. Université Sorbonne Paris Nord (PLEIADE)

Duccio Demetrio. Libera Università dell'autobiografia di Anghirari - Itália

Elizeu Clementino de Souza. Universidade do Estado de Bahia (UNEB) - Brasil

Frédérique Montandon. Université Paris-Est Créteil (UPEC)

Gabriel Murillo. Universidad de Antioquia - Colômbia

Gaston Pineau. Université de Tours

Guy de Villers. Université de Louvain la Neuve - Belgique

Izabel Galvao. Université Saint Denis-Paris 8 (LIAgE)

Jean-Philippe Pierron. Université de Bourgogne (LIR3S)

Jean-Pierre Chrétien-Goni. Conservatoire National des Arts et Métiers Paris

Jérôme Mbiatong. Université Paris-Est Créteil (UPEC)

José Maria Siciliani Barraza. Universidad de La Salle - Bogotá - Colômbia

Marcel Pariat. Université Paris-Est Créteil (UPEC)

Maria Amalia de Almeida Cunha, Universidade Federale de Minas Gerais (UFMG) - Brasil

Maria da Conceição Passeggi. Universidade Rio Grande do Norte (UFRN) - Brasil

Maria Pagoni. Université de Lille (CIREL)

Martine Janner-Raimondi. Université Sorbonne Paris-Nord (ISMEE)

Michel Alhadef-Jones. Institut Sunkronos - Université de Fribourg - Suíça

Michel Fabre. Université de Nantes (CREN)

Mike Gadras. Université Sorbonne Paris Nord (ISMEE)

Nathalie Carminatti. Université Paris-Est Créteil (UPEC)

Nathalie Muller-Mirza. Université de Genève - Suíça

Nathanaël Wallenhorst. Université catholique d'Angers (UCO)

Pascal Lafont. Université Paris-Est Créteil (UPEC)

Patricia Remoussenard. Université de Lille (CIREL)

Peter Alheit. Georg-August Universität Göttingen - Alemanha

Rosvita Bernardes Kolb. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Brasil

Sabrina Juillet-Garzon. Université Sorbonne Paris Nord (PLEIADE)

Sylvie Condette. Université de Lille (CIREL)

Vincent de Gaulejac. Université Paris Cité - Campus Grands Moulins

COMITÉ DE ORGANIZAÇÃO

Adriana Renée Tobos. Université Sorbonne Paris Nord (doutoranda ISMEE)

Aicha Sakate. Université de Lille (doutoranda CIREL)

Alassane Diallo. Université de Lille (doutorando CIREL)

Anaïs Chastain. Université de Lille (doutoranda CIREL)
Anne Dizerbo. Université Paris Nord (ISMEE)
Béatrice Delplanche. Université Laval - Quebec
Bruno Hubert. Université de Lille (CIREL)
Carolina Kondratiuk. GIS Le Sujet dans la Cité Sorbonne Paris Nord
Cécile Fontaine. Université de Lille. (CIREL)
Cédric Hardy. Université de Lille (doutorando CIREL)
Christine Delory-Momberger. Université Sorbonne Paris Nord (ISMEE)
Clarissa Figueira. Université de Lille (CIREL)
Erika Léonard. Université de Lille (CIREL)
Frédérique Montandon. Université Paris-Est Créteil (UPEC)
Jérôme Mbiatong. Université Paris-Est Créteil (UPEC)
Julie Deville. Université de Lille (CIREL)
Martine Janner-Raimondi. Université Sorbonne Paris-Nord (ISMEE)
Mélanie Bouron. Université de Lille (doutoranda CIREL)
Michael Daian Pacheco Ramos. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Brasil
Michaël Racodon. Université de Lille (CIREL)
Rosemeire Reis. Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Brasil
Valentin Bardawil. GIS LE SUJET DANS LA CITE Sorbonne Paris Nord-Campus Condorcet
Valérie Melin. Université de Lille (CIREL)
Youssef Mdahoma. Université Sorbonne Paris Nord (ISMEE)

ENVIOS DE TRABALHOS PARA O COLÓQUIO

Modalidades

1. Comunicação

Cada proposta deve conter:

- 4.000 caracteres, incluindo espaços e bibliografia
- Título do eixo do colóquio em que se insere
- Título da comunicação
- Apresentação da problemática, explicitação do quadro teórico-metodológico e relação estabelecida com o paradigma biográfico
- Máximo de 5 palavras-chave
- 5 referências bibliográficas

2. Simpósio

Cada proposta de simpósio com, no mínimo, 3 trabalhos, deve conter:

- 4.000 caracteres, incluindo espaços e bibliografia
- Título do eixo do colóquio em que se insere
- Título do simpósio
- Nome do coordenador e participantes com suas respectivas instituições
- Apresentação da problemática geral, relação estabelecida com o paradigma biográfico
- Máximo de 5 palavras-chave
- 5 referências bibliográficas

3. Pôster

Deve ser enviada uma maquete digital do pôster, a ser avaliada em relação a um dos quatro eixos do colóquio.

Publicações

Publicações sob a forma de livros e artigos em revistas qualificadas, a serem definidas posteriormente.

CALENDÁRIO

Envio de trabalhos: de 30 de agosto a 30 de novembro de 2026

Retorno das avaliações: 15 de janeiro de 2027

Início das inscrições: 30 de agosto de 2026

INSCRIÇÕES

Valores das inscrições até 24 de abril de 2027: 170 euros

Membros da Associação Gis Le Sujet dans la Cité: 150 euros

Doutorandos: 80 euros

Estudantes da Universidade de Lille ouvintes: Gratuito

Valores das inscrições após 24 de abril de 2027: 200 euros

Membros da Associação Gis Le Sujet dans la Cité: 180 euros

Doutorandos: 110 euros

Estudantes da Universidade de Lille ouvintes: Gratuito

Site: <https://lillebiogr.sciencesconf.org/>